



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de entrega do Selo “Unicef Município Aprovado” - Edição 2008

Recife - PE, 02 de dezembro de 2008

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa para vocês. Primeiro, da profunda alegria de retornar ao meu estado de Pernambuco, de poder fazer uma coisa extraordinária, que foi inaugurar parte do Canal da Malária, e participar, em Santo Amaro, do lançamento do Pronasci. É a primeira demonstração viva de que a gente pode diminuir a violência e a delinquência nos bairros mais violentos do Brasil, levando o Estado, na figura do governo federal, do governo estadual e dos governos municipais, com políticas públicas concretas para os bairros mais pobres do País. A alegria de participar da reunião com dez governadores de estados – com a participação, além dos do Nordeste, do Espírito Santo e de Minas Gerais – e a alegria de perceber a maturidade dos governadores em contribuir para que a gente possa fazer com que as obras determinadas como prioritárias, de interesse nacional e algumas em vários estados, sejam levadas com muita força e muita vontade no ano de 2009 e 2010, para a gente poder melhor enfrentar a crise financeira que se estabeleceu a partir dos países ricos. Ao mesmo tempo, não poderia terminar a noite mais satisfeito do que participar da premiação do Unicef pelo exemplo de 259 municípios no semi-árido brasileiro que reduziram a mortalidade infantil para abaixo de 20 crianças por 1000, mortas antes de completar um ano de idade.

Ditas essas coisas, quero agradecer a gentileza e o tratamento que o companheiro Eduardo sempre me deu, e dizer para vocês que volto para



Brasília agora para continuar cuidando do Brasil, depois de cuidar de vocês agora, com as perguntas.

Jornalista: Presidente, o Congresso Nacional votou o reajuste de 90 mil funcionários. Eu queria saber se o senhor vai aprovar essa decisão do Congresso (inaudível).

Presidente: Não, não porque a proposta de aumento para o servidor público, que estava no Congresso Nacional, foi enviada pelo Ministro do Planejamento e ela já está contida no Orçamento que nós enviamos ao Congresso Nacional. Na medida em que o Congresso aprovou o aumento, é porque ele estava proposto pelo governo, portanto, já era uma coisa combinada, acertada entre o governo e o servidor público. Não vai atrapalhar em nada a política de investimentos do governo federal.

Jornalista: Esse reajuste não seria (inaudível) num momento de crise econômica?

Presidente: Num momento de crise econômica você não pode ter, como única razão de enfrentar a crise, atrofiar a economia do Brasil – diminuir salário, diminuir investimento – porque aí, sim, você conseguiria agravar a crise. Veja uma coisa. Se você tem uma crise econômica que é originária de fora do País e ela pode causar problemas no País, exatamente por causa do pânico que se estabeleceu na sociedade... Por exemplo, o trabalhador, servidor público que tem estabilidade e tem um dinheirinho, ele não compra porque está ouvindo falar muito em crise e não sabe o tamanho da crise. O trabalhador das indústrias, do comércio, dos bancos, que não tem estabilidade, até tem um dinheirinho para comprar, mas ele fala: “Eu não compro porque vou perder o meu emprego, e depois não vou poder pagar”. Ele não está sabendo que pode



perder o seu emprego exatamente por não comprar, porque se o trabalhador não comprar, o comércio não vende, a indústria não produz, e ele não tem emprego. Então, é essa coisa que nós precisamos construir, para que as pessoas entendam que se cada um de nós der uma contribuição, a gente pode debelar essa crise com mais facilidade.

Eu estou convencido de que o mundo desenvolvido tem interesse em resolver os problemas da sua crise, estou convencido de que o Obama, mais do que qualquer outro, tem interesse em resolver essa crise o mais rápido possível, até porque ele herdou essa crise. Eu posso dizer para vocês, sem medo de errar, que o Brasil é hoje o país mais preparado para enfrentar essa crise, e nós vamos enfrentar essa crise fazendo mais investimentos, concluindo as obras, fortalecendo o mercado interno, porque é assim que a gente vai tornar o Brasil mais sólido e mais forte.

Jornalista: Presidente, a reforma tributária é como quer São Paulo, ou como quer o Nordeste?

Presidente: A reforma tributária é como quer o Brasil, e a maioria dos estados brasileiros querem a reforma tributária que a maioria dos governadores brasileiros se colocou de acordo. É normal que São Paulo, que tem uma participação maior, uma fatia maior no bolo da produção brasileira queira coisa diferente. O que eu vi hoje, inclusive, a boa surpresa, com o apoio do governador Aécio Neves, com o apoio do governador Paulo Hartung, a decisão já tomada pelos governadores do Nordeste. Melhor do que eu, os governadores sabem aquilo que pode ser bom para o seu estado. O que nós precisamos é aprovar uma política tributária que não seja benéfica a um ou a outro grupo econômico, que não seja favorável a uma ou a outra cidade, ou a outro estado, mas que seja uma política tributária que possa, ao longo do tempo, se tornar uma política tributária justa para 190 milhões de brasileiros,



para os 27 estados e para os quase 6 mil municípios brasileiros.

Jornalista: Isso está longe?

Presidente: Não, vamos depender do Congresso Nacional.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Amanhã eu vou ter uma reunião com o ministro Guido Mantega e, possivelmente, tenhamos reuniões com os líderes e eu quero saber qual é a disposição de votar, porque para mim seria importante que nós votássemos logo a política tributária, para colocar outro tema na pauta.

Agora, se vocês me permitem, eu vou para o aeroporto pegar o avião porque ainda vou para Brasília e amanhã tem muito trabalho.

Jornalista: (inaudível) uma redução na política mundial (inaudível). Como o senhor avalia essa (inaudível)? O senhor acha normal essa perda (inaudível)?

Presidente: Deixe-me falar uma coisa. A produção industrial, na maioria dos países cresceu. A própria Fiesp, que é em um estado que parecia mais afetado, anunciou na semana passada um crescimento no mês de outubro de 0,2%. Dessa crise toda, nós temos um problema, que é a questão de falta de liquidez, ou seja, quem tem dinheiro está escondendo e não está circulando o dinheiro. O governo já tomou todas as medidas, tomaremos outras se for necessário, mas eu acho que o mundo irá se colocar de acordo de que a liquidez e o crédito precisam voltar rapidamente. Por quê? Porque a economia precisa se movimentar, e todo mundo sabe disso.

Portanto, eu acho que nós temos que ver que a indústria cresceu muito durante o ano. O fato de ela ter caído um mês não significa muita coisa se ela



creceu durante todo o ano. O que nós esperamos é que este ano já está dado, já consolidou o crescimento do PIB, o crescimento da economia e nós vamos trabalhar agora para cuidar do primeiro trimestre de 2009, que é quando nós vamos ver o rescaldo da crise, até onde ela vai chegar.

Eu continuo otimista, tranquilo, dizendo que o Brasil vai superar. Agora, se vocês me permitem, por favor, perguntem ao chefe de Estado aqui, companheiro Eduardo dos Santos.

(\$31EGJLP)